

Adocicado Abacaxi

Ao menos desta vez Reinaldo Moraes não nos impinge discussões acerca do papel masculino, tipo "De Bogart a Rudi Vögler, aquele que defeca relaxadamente na frente da câmera de Win Wenders". Essa conversa mole gabarésca com que os garotos pretensamente intelectualizados de classe média ocupam seu tempo enquanto o mundo não acaba. Também não comete diálogos em que Modernidade, Oswald e Cia são levados a sério: uma moda que rendeu algumas teses universitárias que por sua vez renderam sinecuras, a estruturalistas sabidos. Tudo isso foi suportado pelos leitores de **Tanto Faz**, a novela anterior de Reinaldo. Isso e mais a complacência com que ele tratava seu "grupo" parisiense, um bando de parasitas sustentados, na maioria, por bolsas de estudo.

Em **Abacaxi** a conversa é um pouco diferente. Aqui ele requintou ainda mais a exploração do coloquial, um refinamento que o põe perto de Ivan Lessa, sem a capacidade satírica deste. De resto, a técnica narrativa de Reinaldo é igualmente elaborada, produzindo um texto enxuto, a não ser nos momentos de descrição de delírio alucinógeno, os quais, sem dúvida, possuem admiradores entre os leitores da Coleção Olho da Rua, L&PM.

O narrador, Quim, também não está tão envolvido emocionalmente com os demais personagens quanto o narrador de **Tanto Faz**. Ele se move em Nova Iorque e Rio de Janeiro, paragens mais ou menos desconhecidas dele, o que impede os trechos de louvação mais babosa encontráveis no primeiro livro.

Mas nada de se emocionar, caro leitor, Reinaldo não mudou tanto. O deboche que perpassa **Abacaxi** é idêntico ao do livro anterior: benévolo e irônico, jamais sarcástico. Leva a momentos hilariantes, não passando disso. Os personagens são capturados no que têm de pitoresco, a partir de uma perspectiva complacente. Para adquirir uma visão lúcida da classe média intelectualizada e sanguessuga na qual Quim e seus comparsas se inserem, Reinaldo precisaria de um distanciamento em relação à subcultura das drogas e aos rescolhos da contracultura que habitam a consciência desta gente. A partir daí seria possível construir personagens sem permanecer nas superficialidades que apenas mascaram com tiradas engraçadinhas o egocentrismo e a fragmentação erótico-afetiva reinante. Enfim, a brutalidade da vida entra na obra apenas como acessório, quando ela é a matéria-prima, o cerne, de todo romance que se preze. O **Abacaxi** de Reinaldo, ao contrário do que o título parece sugerir, não é ácido. É doce.

MORAES, Reinaldo. **Abacaxi**. Porto Alegre, L&PM, 1985.

Em Boston, antes de embarcar para o Brasil, conhece Steve, cujo pai fora cônsul no Brasil. Depois, voltam a rever-se em Viamão. Sempre que se encontram, a situação é de histeria e violência (ora agressiva, ora mórbida), permeadas de metáforas e fantasias. Steve é um tipo alterego do personagem-narrador. Reconhece e rejeita no americano aquilo que sabe existir em si. A língua, a cultura não são suficientes para negar as semelhanças. A incomunicabilidade entre ambos só comprova o processo de desagregação por que passam. A diferença é o nível de autodestruição de cada um deles.

O que não convence, em todo o romance, é a perspectiva irracional e ingênua através da qual Gilberto Noll configura a visão de seu personagem. Como é formulada, tal irracionalidade demonstra, antes de tudo, uma incompreensão primária da realidade. No entanto, em vão, o personagem-narrador tenta provar a si mesmo o contrário, o tempo todo. Resta, desta atitude, um eterno lamento de autopiedade, face às dores da existência. Ou então, jóias raras como esta: "Depois do beijo já não teria onde me esconder da peste que ninguém parecia ver" — que, sem dúvida, faz Camus revirar-se em sua tumba (existencialista).

NOLL, João Gilberto. **Bandoleiros**. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.

Fernando C. Gil